

VIDAS AGITADAS
HOMENS E FACTOS

ELISEU RECLUS

Escreveu Teófilo Braga que o estudo dos grandes tipos da Humanidade exerce uma poderosa influência na elevação do carácter, por essa tendência automática que actua no maior número pela forma de *imitação*. Este conceito justifica e explica amplamente, sem necessidade de mais longo exórdio, o que nos determina a, sobre a rubrica *Homens e factos*, recordar a vida acidentada dos que fizeram alguma coisa no mundo pela liberdade e pela ciência.

Começamos pelo eminente sábio Eliseu Reclus a



Eliseu Reclus aos 19 anos

quem E. Frugoni classificou como o prototipo de uma última evolução da raça, em que se reuniam as virtudes e as forças que movem a humanidade para os mais altos cumes e as mais gloriosas conquistas.

Quando os cegos e ignorantes denigradores das ideias de emancipação humana qualificam os seus propagandistas de loucos ou sanguinários, devemos perguntar-lhes se sabem que nessa vanguarda da liberdade figuram homens como Eliseu Reclus, cuja vida foi uma luta constante e energética, luta luminosa pela causa da ciência e da justiça.

Eliseu Reclus nasceu a 15 de março de 1830 em Sainte-Fay-la-Grande, na Gironda (França), filho de um pastor protestante, e morreu em 4 de julho de 1905 numa aldeia belga, não longe de Ostende.

Desde muito novo revelou as suas duas grandes predileções: o amor à ciência e o amor à liberdade. E quando terminou os seus estudos na Faculdade protestante de Montauban e na de Berlim, fermentavam já no seu coração generoso os sublimes princípios dos quais se fez mais tarde um propagandista entusiasta. Assim é que, de regresso à França, evidenciou aí bem alto o seu amor à revolução, tomando parte activa nas insurreições que tiveram lugar em Paris, desde 1848 a 1851.

Vibrado o golpe de estado de 2 de dezembro, o seu nome foi apontado ao despotismo napoleónico como pe-

rigoso, motivo porque se viu obrigado a emigrar, visitando então a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Sul e a Nova Granada, onde fixou residência por alguns anos.

Observador em extremo, aliando ao seu prodigioso talento uma memória extraordinária, foi pacientemente colhendo todas as suas impressões de viagens, até que publicou em 1861 um livro intitulado *Viagem à Serra Nevada*, o qual foi mais tarde traduzido e novamente publicado com o título: *Minhas explorações na América*.

Durante o tempo da sua emigração trabalhou sem descanso e, ao regressar de novo a França, em 1857, levava já consigo valiosos dados geográficos, que foram a base da reputação universal que mais tarde veio a adquirir.

Redactor da revista dos *Dois Mundos* e da *Volta ao Mundo*, publicou Reclus numerosíssimos artigos que despertaram o maior interesse nos sábios de todos os países.

Ao mesmo tempo dispensava a sua colaboração às conhecidas *Guias Joannes*, para os diversos países do globo, tornando as páginas desses volumes altamente deleitosas e interessantes, pelo relevo do seu estilo e verdade das descrições.

Todos os seus trabalhos impregnados da ciência geográfica, se tornaram conhecidos e vulgarizados, motivo por que a Sociedade de Geografia de Paris o atraíu para o seu seio, não como simples sócio, mas como membro da sua comissão central.

Reclus, que na sua mocidade se batera com ardor pela república, depois de estudar o viver social dos diferentes povos americanos, não hesitou em demonstrar a evolução natural do seu espírito, abraçando os ideais mais avançados da Anarquia, únicos que, em sua opinião, podem dar à humanidade a verdadeira felicidade.

Por tal facto aliou-se em 1869 ao seu íntimo amigo Bakounine, lutando, desde então, a seu lado com entusiasmo e convicção pela causa da emancipação proletária.

Veiu a guerra de 1870-71, o cerco de Paris, a Comuna. Reclus inscreveu-se na companhia dos aeronautas, dirigida por seu amigo íntimo, o fotógrafo Nadar, e ajudou-o nessa organização, maravilhosa para o tempo, por meio da qual Paris sitiado foi posta em relações regulares com os departamentos.

Mas os sucessos precipitavam-se. A energia revolucionária socialista, acumulada em França e sobretudo em Paris, durante os últimos anos do império, não podia dissipar-se em pura perda, sem tentar mostrar-se à luz do sol, sem plantar ao menos uma balisa para o futuro, — e a revolução de 18 de março estalou em Paris.

Aqui, Eliseu, que sempre odiou o galão e sempre se sentiu povo, deu o verdadeiro exemplo. Quando os chefes blanquistas e jacobinos aceitavam logares no governo da cidade revoltada, e os próprios internacionalistas federalistas aceitavam a sua eleição ao conselho da Comuna, Eliseu tomou a carabina e ficou nas filas dos federados.

Desde o princípio, projectava a Comuna uma sortida sobre Versalhes, a qual veio a realizar-se na primeira metade de abril. Eliseu, de arma em punho, tomou parte nela. Foi feito prisioneiro no planalto de Châtillon — e bebeu toda a taça dos sofrimentos físicos e dos insultos de que a burguesia triunfante cobriu os seus prisioneiros.

Quando entrávamos em Versalhes, a multidão dos burgueses, com suas damas galantes dependuradas do braço, recebia-nos com todos os insultos imagináveis, no momento em que, de mãos atadas, desfilávamos na sua frente. Um homem — pareceu-me reconhecer nele um membro da Sociedade de Geografia — gritando: «Oh! que patife!» descarregou-me um murro formidável na nuca.

A sua senhora batia-me com a sombrinha... Depois de tôdas as fadigas da noite precedente, caí desmaiado... Depois vieram todos os horrores passados na planície de Satory... as sentinelas atirando à *queima-roupa* sobre quem se levantasse, fatigado de jazer na lama, e pelotões levados todos os dias para serem fuzilados... Depois veio Brest. Só se respirou um momento, na prisão de Mont Saint-Michel.»

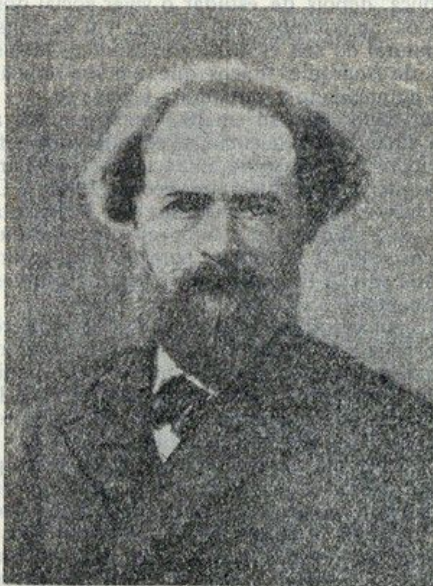
Mas o mundo intelectual levantou-se num clamoroso grito de indignação e Darwin, Williamson, Lord Amberley e as mais notáveis celebridades da ciência protestaram contra o governo de Versalhes, proclamando que um génio semelhante pertencia ao mundo inteiro e à ciência. Thiers, impressionado pela solenidade do plebiscito de admiração que se elevou em volta do grande geógrafo, comutou a pena de deportação pelo desterro durante o prazo de 10 anos.

Numa carruagem celular e algemado, dirigiu-se então para a Suíça onde tomou parte activa no trabalho organizador da célebre Internacional. Por esse tempo colaborou em muitos periódicos revolucionários e desde então exerceu uma influência intelectual poderosa na corrente abertamente libertária do socialismo.

Em 1878, com Grave, Kropotkine e outros, fundou em Genebra o periódico socialista-anarquista «La Revolté» (transportado mais tarde para Paris com o nome de «Le Revolté» e depois com o de «Les Temps Nouveaux») e em cujas colunas defendeu e propagou as ideias anarquistas.

Eliseu Reclus, em 1893, pretendeu abrir um curso de geografia na Universidade Livre de Bruxelas mas o seu desejo foi recusado pelo ódio aos ideais que professava. Esta estúpida negativa despertou um forte movimento intelectual que permitiu a Reclus fundar uma universidade verdadeiramente livre — como as ha de vêr um dia a Europa regenerada pela revolução social — e foi aí, na Université Nouvelle de Bruxelles, que começou a dar as suas lições científicas de cosmografia.

Muito, e muito importante para ciência deixou escrito Eliseu Reclus. Mas entre todas as suas obras sobre-



[Eliseu Reclus aos 50 anos]

saí como a mais colossal a «Geografia Universal» que lhe valeu ser proclamado no mundo científico o «príncipe dos geógrafos». Introdução desta obra foi a *Terra* e a sua conclusão o *Homem e a Terra* que terminou poucas semanas antes da sua morte. O amor da natureza e do *homem livre* ressaltava de cada página dessa obra em que é traçada a história e a evolução da humanidade, cuja conclusão para Reclus é a Anarquia, ponto para o qual a civilização humana marcha necessariamente.

Além destas obras mencionadas devemos á sua pena *O arroio*, *A montanha*, *Uma viagem à Serra Nevada*, *Sicília*, *Fenômenos Terrestres*, e uma infinidade de opúsculos de sociologia, propaganda libertária, memórias científicas, em resumo: uma produção genial e vigorosa, testemunha de uma nobre vida decorrida no trabalho e no sacrifício pelo culto da ciência e do ideal.

«O seu influxo na ciência geográfica marcou uma nova época — disse O. de Buen. A Geografia deixou de ser uma ciência morta, árida, descritiva, monográfica, sem transcendência social nem espírito filosófico para tornar-se, graças a Reclus principalmente, em ciência viva, evolutiva, cheia de encantos, penetrada no espírito da filosofia naturalista e servidora fiel das grandes reivindicações sociais. Aproveitando as incessantes conquistas das Ciências Naturais, alargou o seu campo; infiltrada pelas correntes modernas, converteu-se em Ciência Social; porque, sem dúvida alguma, o caracter mais saliente do movimento intelectual contemporâneo é a «socialização da Ciência», e desta salutar corrente foi Reclus um dos impulsores mais poderosos.»

Era Eliseu Reclus de baixa estatura mas de uma grandeza de alma que assombra. Excessivamente indulgente e bondoso, «junto dele fazia-se — escreveu Descaves — uma cura de altitude moral». Alguns episódios da sua vida definem maravilhosamente o seu caracter:

Eliseu Reclus ponde ser milionário e desprezou o dinheiro. As suas campanhas a favor de Lincoln, na *Revista dos Dois Mundos*, determinaram o ministro «yankee», em Paris, a oferecer-lhe um milhão de «dollars». Reclus, modestamente, mas com firmeza, negou-se a recebê-lo, dizendo: — Eu trabalho pela justiça; não faço mais que o meu dever».

— Conduzido prisioneiro a Versalhes — conta Lissagray — um miserável dessa multidão ignóbil que insultava os vencidos, encarnçou-se mais particularmente contra êle e feriu-o. Nesse momento, um dos colaboradores da *Revista dos Dois Mundos* reconheceu-o e correu a prevenir Thiers. Pouco depois Barthélemy Saint-Hilaire foi enviado junto de Eliseu Reclus a fazer-lhe compreender que, para ser livre, lhe bastava exprimir um arrependimento, declarar que cedera a uma excitação. Reclus recusou. Insistiram com êle; suplicaram. Respondeu que obedecêra á sua consciência, que procederia ainda da mesma forma, e que entendia dever partilhar a sorte dos seus camaradas. — Pouco depois partia com êles para Brest.

— Havia uns seis meses que estávamos em Quêleru, — conta Colleau — quando o jesuita Jules Simon, então ministro do sinistro Thiers, julgou conveniente visitar alguns grupos de prisioneiros da Comuna.

Depois de haver passado pelas casamatas, o ministro recebeu no gabinete do director os que tinham reclamações a apresentar-lhe; e terminando a recepção sem vêr Eliseu Reclus, pediu ao director que o mandasse chamar.

O guarda foi á enfermaria onde se encontrava o nosso amigo, dar-lhe parte do desejo do ministro, obtendo esta resposta: — Eu não tenho nada a dizer ao ministro; se êle quere falar-me, que me procure.

— Eliseu — conta ainda Nadar — tinha estabelecido residência em Sévres. Um dia veio ver-me — com o seu bom humor habitual, e falando-lhe eu no roubo da sua biblioteca, que um jornal acabava de noticiar, disse-me: — Que importam os meus livros? Já tinha lido tudo quanto podia dizer-me, agora vão servir a outros. E como, sem duvida, eu não lhe parecesse suficientemente á altura, acrescentou, reforçando a nota: — Demais, visto que eu não os dava, fizeram bem em tirar-m'os... E sorrindo sempre, esfregou vivamente as mãos, — o seu sinal corrente de alegria...

Eliseu Reclus, eminente sabio, príncipe dos geógrafos, declarava-se abertamente anarquista. Tendo percorrido o mundo e observado pessoalmente a situação universal de todas as classes sociaes, teve ocasião de conhecer bem as

origens de todos os males que afetam a humanidade e, portanto, indicou-lhe bem claro o caminho que ela tem a seguir para conquistar a sua liberdade e a sua emancipação.

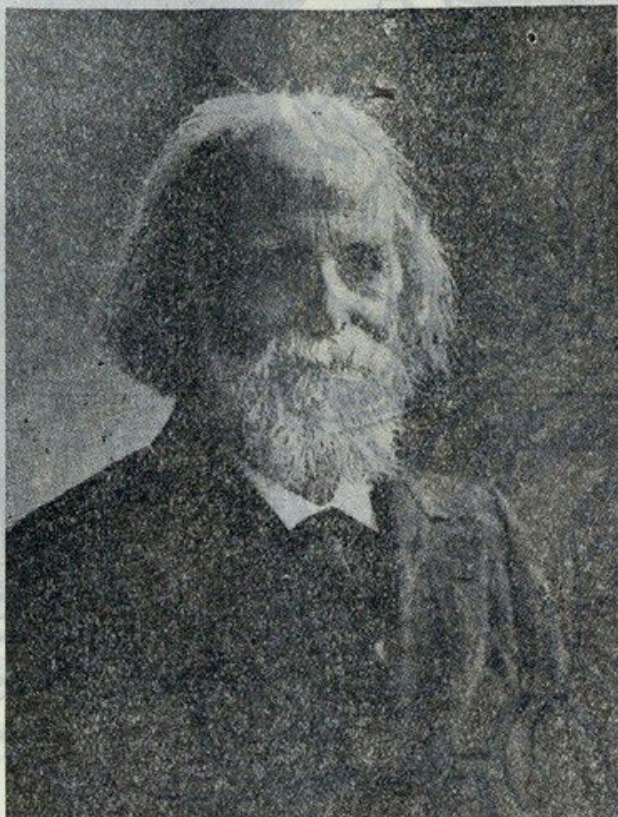
De propaganda propriamente anarquista, além de inúmeros artigos em várias publicações periódicas, escreveu: *A Evolução, a Revolução e o Ideal anarquista*, *A anarquia* (conferência pronunciada em 1894 na loja maçônica «Amigos filantropos» de Bruxelas), *Ao camponês, meu irmão* e *A Anarquia e a Igreja*. Reclus não era apenas intelectualmente anarquista. Era anarquista até ao profundo da inteligência, até à menor fibra do seu ser. Bastar-lhe-ia — no dizer de um dos seus muitos biografos — o pão seco para atravessar uma crise revolucionária e para trabalhar em edificar um futuro cheio de riquezas para todos. Ele soube manter-se pobre, absolutamente pobre, apesar do bom êxito dos belos livros. A ideia de dominar fosse quem fosse, jamais lhe atravessou o cérebro: odiava os menores vestígios do espírito dominador. Emfim, para ele, que tão bem conheceu todas as tribus disseminadas pelo globo que nos indicam as etapas atravessadas pela humanidade, e que podia com um só olhar reconstruir no pensamento o longo martirologio do homem, a anarquia não era um simples sonho amoroso. Era a conclusão, o fêcho de abóboda da humanidade, da ciência: o ponto de mira tão necessariamente indicado como a estrela para a qual hoje se dirige o nosso sistema solar. E como a natureza, a bela natureza que ele amava como a amaram Goethe e Shelley, era para ela uma necessidade física, nunca se deixava desviar do seu caminho por nenhuma

das superstições inspiradas pelo medo dum além imaginário. E Kropotkine disse dele o seguinte:

«O espírito anarquista era com efeito o fundo da natureza de Eliseu Reclus. Nunca êle procurou dominar, governar qualquer pessoa. E por isso não se deixava dominar, nem sofria imposições. Sempre, em toda a parte se considerava igual a outro qualquer. Impressionou-me muito este facto no dia em que pela primeira vez entrei no seu gabinete de trabalho, convidado por êle para o ajudar na redacção do volume sobre a Ásia Russa. «Que é necessario fazer? perguntei-lhe. — Tem aí livros, tem aí provas — faça o que quiser!» A princípio o meu espanto era grande. Mas dois ou tres dias depois, reconhecia que era aquele o verdadeiro meio de organizar a colaboração, a fim de ser mais proveitosa e mais expedita. Este sentimento de igualdade, Eliseu não o abandonava nunca. Chegado a uma localidade, na Europa ou no fundo da America do Sul, êle ia, antes de mais nada, procurar o grupo anarquista, ou o jornal anarquista ou o unico anarquista do sitio, e perguntava em que podia ser util naquele momento».

Com efeito, quando em abril de 1886 Eliseu Reclus esteve em Lisboa, de passagem para a Africa, em viagem de estudos geograficos, avistou-se logo com J. A. Cardoso, um dos anarquistas da epoca, e preferia, ás noites,

a conversa com os seus camaradas, entre os quais se encontrava Antonio José de Avila, reunidos no acanhado quarto de J. Cardoso, num 4.º andar da rua dos Correios ou dos Sapateiros, á convivência com os intelectuais burguezes, seus adoladores, que o quizeram homenagear com um banquete a que ele se esquivou.



Eliseu Reclus aos 70 anos